

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
SARAH MALDOROR, A POESIA DA IMAGEM RESISTENTE  
COLABORAÇÕES/APROPRIAÇÕES  
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA  
2 e 4 de setembro de 2021

FESTIVAL PANAFRICAIN D'ALGER / 1969

*Um filme de William Klein*

*Realização:* William Klein, com colaboração de Antoine Bonfanti, Ahmed Lalle, Yann Lemasson, Pierre Lhomme, Jacqueline Meppiel, Slimane Riad / *Assistência à Realização:* Mohamed Bouamari, Rabah Laradji, SARAH MALDOROR / *Imagem:* Dahou Boukerche, Michel Brault, Bernard Gosselin, N. E. Guenifi, William Klein, S. Lakhdar Hamina, Pierre Lhomme, Yann Lemasson, Ali Maroc, Dominique Merlin, Bruno Muel, Guy Vernadet, com assistência de François About, Ahmed Benarous, Hamid Benzeyel, Sidali Halo, Robert Lezian, Alain Pillet, Jacques Renard, Guy Testa-Rossa, Ahmed Saidi, Patrice Wyers / *Montagem:* Ragnar, Jacqueline Meppiel, A-M Deshayes, Jean Ravel, Valerie Mayoux, com assistência de Rachid Benallal, Hamid Djellouli, Marguerite Dedieu, Christine Monge, Isabelle Rathery, Michele Robert, Marguerite Arene, Jacques Comets, M-V Le Brishoual, Chantal Perrot / *Som:* Antoine Bonfanti, Sidi Boumedine, Serge Beauchemin, Michel Desroi, Dominique Hennequin, Michel Laurent, Pierre Lenoir, Harald Maury, Mohamed Lulmi, J.-R. Bertrand, com assistência de M. S. Bouguermouh, Mohamed Boukhedimi / *Participações:* Mazisi Kunene, Johnny Makatini, Agostinho Neto, Mário de Andrade, Amílcar Cabral, René Depestre, Armando Guebuza, Oscar Monteiro, Daniel Maragnes, Stephen N’Komo / *Narração:* Ivan Labejof / *Direção de Produção:* Mostefa Belhadj, com assistência de Khider Ait Bachir / *Cópia:* Ficheiro, falado em francês e inglês, com legendas em francês e legendas eletrônicas em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia Mundial:* 1969, França / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Não há verdadeiro cinema político sem uma forma política à sua altura, isto é, sem que se faça pensamento simultaneamente crítico e estético sobre dado acontecimento, seja este de ordem documental, seja de ordem ficcional. O que teve lugar entre os dias 21 de julho e 1 de agosto, do ano de 1969, na capital da recém-libertada Argélia, foi da ordem do acontecimento, de um imenso *happening*, sendo que o sucedido remete-nos para a ordem do teatral ou da *performance* em perfeita fusão com a vida. Esta grandiosa e extática manifestação cultural (paradas, peças de teatro, concertos, colóquios...) é mostrada tal como aconteceu, indo para lá da ideia de que o espetáculo e a ação política se circunscrevem a um ou a uns quantos palcos bem delimitados. Tudo é palco desde os primeiros instantes neste documentário de William Klein, grande fotógrafo de rua, nascido nos Estados Unidos mas radicado em França, a partir de onde se projetou criticamente sobre as suas origens, abarcando o mundo mesmo para lá de qualquer eurocentrismo.

Neste sentido, importa convocar os retratos que Klein fez do pugilista Muhammad Ali, *performer* cujo ringue não conhecia limites, tal como a batalha contra o seu próprio sentimento de desenraizamento, e do líder dos Black Panthers Elridge Cleaver, aquando do seu exílio precisamente em Argel. Com semelhante *punch* mas ainda mais enlevo, o que Klein procura em **Festival panafricain d’Alger** é o retrato, à flor da pele, de toda a nação africana, fazendo dela presença viva e interpelante. Ao mesmo tempo, tal como nas suas fotografias, a câmara de Klein é absolutamente democrática. Note-se que essa câmara é interpretada e reinventada por uma equipa muito extensa de operadores de câmara e assistentes, onde destacaria os nomes de Michel Brault, nome maior do *cinéma vérité*, e de Sarah Maldoror, cineasta e ativista francesa plenamente pan-africana. A câmara de Klein, dizia, cola-se, irrequieta, às danças, aos rostos, aos trajés, às máscaras, às palavras cantadas, declamadas, sempre inflamadas, em carne viva, de revolta mas também ou sobretudo de um nobilíssimo sentimento de

orgulho. Um sentimento de orgulho redescoberto, uma africanidade rejuvenescida em face do que parece ser o inevitável fim do colonialismo branco.

Esta parada efervescente e colorida projeta-se num futuro em que a identidade pan-africana não balbucia, mas autoafirma-se, sem vacilar, sobre aqueles que lhe fizeram e fazem frente, nomeadamente interpela quem parte da ignominiosa ideia de que “África não existe”. A citação pertence a um tal Salazar, representante máximo do retrógrado Portugal colonialista, aqui especialmente visado através da presença vibrante (que se manifesta num teatro de palco difuso, sem fronteiras, ou em conversas diretas e corajosas para a câmara) de membros da FRELIMO, do PAIGC e do MPLA, sobressaindo Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade. Este último, fundador do MPLA, poeta e, acrescente-se, companheiro da referida Sarah Maldoror, sublinha, aliás, a necessidade de se entender a cultura como uma arma política. A cultura também significa ação, combate, mas por quê propriamente? É isso que se apresenta – com essa vivacidade típica em Klein – na expressão cultural pan-africana, mas igualmente no próprio discurso do filme, que – como é, aliás, habitual no trabalho cinematográfico de Klein – mistura imagens encontradas de diversa natureza – fotografias, informação textual, excertos de documentários e *newsreels* – com os planos que colheu no coração desse grande acontecimento de afirmação/formação identitária: encarando, e já ultrapassando, um passado de perseguições e todo o processo de “desafricanização” por que passaram, os povos celebram a restauração da identidade uma de todo um continente, a par da singularidade de cada cultura. Já agora: também esta é uma questão do cinema, pois se procura articular o particular com o todo, sintetizando o espírito do tempo, entre planos e em cada plano, no gesto, no olhar, no braço elevado, de punho cerrado, ou no pé dançante que faz saltar e agitar o corpo, que é histórico, porque todos estes corpos que aqui dançam são corpos históricos. O “texto fílmico” de Klein também grita: a “re-africanização” acontece assim, por via do encontro fraterno entre povos, entre formas de expressão que convergem no combate mais positivo de todos, em prol de uma nova coreografia política, digamos assim.

Esta “colagem pancinematográfica” permite-nos aceder aos fundamentos da celebração, mas – e é aqui que tudo se eleva – este filme dá-nos também a ilusão de, ao dia de hoje, podermos, cada um de nós, ter acesso ao “calor” daquele acontecimento. Sentimo-nos lá, em comunhão com o que é mostrado, de tal modo que nos parece muito natural que Klein, com algum sentido de humor (também muito típico ou não fora este o autor desse filme de super-heróis, contemporâneo deste **Festival**, contra o neoimperialismo americano, estilo “polícia do mundo”, chamado **Mr. Freedom** [1969]), a dado momento lembre o espectador que, ao mesmo tempo que o Festival decorria, Neil Armstrong assentava pé na lua. Um grande passo para a humanidade, um pequeno passo para um homem. O Festival Panafricano representou, do mesmo modo, um passo histórico para essa mesma humanidade. Da lua, o que veria Armstrong nas várias avenidas de Argel? Klein recorre a impressionantes planos de helicóptero para podermos imaginar o efeito... Veria ou sentira uma cintilante energia que atravessa uma massa humana dançante e colorida? Talvez à lua chegassem algumas notas do *sax* de Archie Shepp ou ecos do instrumento vocal de Miriam Makeba. Chegariam tão longe? Klein eleva o que mostra a uma espécie de cosmologia, tornando o humano uma religião pela qual vale mesmo a pena lutar, pela qual vale mesmo a pena celebrar. Armstrong representou essa humanidade que, em conjunto, deu esse tal passo em frente? Pois também o deu o Homem negro, cá em baixo, na terra como na lua, graças a um festival memorável que se eterniza neste esfuziante “registo”.

Luís Mendonça